



## **A urbanização e a (des)conexão do ser humano com a natureza: um estudo de caso com familiares que nasceram no ambiente rural e migraram para o urbano**

Renata Vilar de Almeida - USP<sup>1</sup>  
Cláudia Pires Lessa - VINA<sup>2</sup>

**Resumo:** *Rural* e *urbano* indicam, tradicionalmente, a ideia de separação integral de espaços entre campo e cidade. Atualmente, sabemos que estes conceitos vêm se modificando e englobam, também, questões sociais, econômicas, populacionais e organizacionais. A urbanização foi um marco nas últimas décadas do século XX e muitas pessoas se deslocaram do campo para as cidades, com a promessa de “melhores” condições de vida. Como um recorte dessa migração, essa pesquisa buscou compreender se a urbanização influenciou na desconexão da sociedade com a natureza, e, para isso, focou em cinco familiares que nasceram e cresceram em ambiente rural no interior de São Paulo e migraram para o urbano entre 1970 e 1980. Através da análise de *história oral* e *mapa afetivo*, foi possível refletir que a urbanização contribuiu para a desconexão da sociedade com a natureza, porém isso ocorreu de uma forma mais complexa que apenas o movimento de migração em si.

**Palavras-chave:** Mapas afetivos, rural e urbano, história oral.

**Abstract:** *Rural* and *urban* indicates the idea of complete separation of spaces between countryside and city. Today, we know that these concepts have been changing and they have also included social, economic, population and organizational issues. The urbanization was a milestone in the last decades of the twentieth century and many people moved from the countryside to the cities, with the promise of “better” live. As a cutback of this migration, this research sought to understand if urbanization influenced the disconnection of the human with nature, and, for that, focused on five relatives who were born and grew up in countryside in the interior of São Paulo and migrated to city through 1970s and 1980s. Through the analysis of oral history and affective maps, it was possible to reflect that urbanization influenced the disconnection of the human being with nature, but this occurred in a more complex way than just the migration itself.

**Keyword:** Affective maps, rural and urban, oral history.

### **1 Introdução**

Com a finalidade de tentar compreender o contexto das (os) participantes dessa pesquisa, alguns temas (dos muitos possíveis) foram escolhidos para serem explorados: buscou-se um pequeno aprofundamento nas definições de *rural* e *urbano*, no contexto histórico e no significado do movimento da urbanização, na relação do ser humano com a natureza, e no uso e significado dos métodos: mapas afetivos e história oral.

Analisar a definição de palavras que estão presentes no nosso cotidiano é um exercício interessante para refletir sobre o significado legítimo e para não reproduzir vícios. Iniciar os estudos sobre a urbanização investigando o significado de *rural* e *urbano* foi esclarecedor e permitiu um embasamento fundamental e indispensável para mergulhar nessa temática. Entender que a discussão sobre esses temas está em aberto e



deve ser adaptada de acordo com o contexto atual é mais uma maneira de perceber que o conhecimento está em constante movimento.

No processo de construção dessa pesquisa foi possível enxergar diferentes interpretações sobre o movimento da urbanização, mas, aqui, a ênfase foi dada nas informações quantitativas (porcentagem da população rural e urbana antes e depois desse movimento) e nas explicações sobre os principais motivos que levaram a população a realizar esse movimento em massa.

Esse embasamento teórico fundamentou a ideia principal da pesquisa, que objetivou investigar se a urbanização contribuiu com a desconexão da sociedade com a natureza, com um olhar para familiares que nasceram no ambiente rural e migraram para o urbano.

## 2 Revisão bibliográfica

Urbano e rural: um panorama histórico

Em 1938, no Decreto lei n.311, o Brasil delimitou as zonas rurais e urbanas dos municípios, com diferenciações apenas espaciais. Desde então, a legislação ficou um longo período sem acompanhar as modificações econômicas e sociais que foram alterando as definições desses conceitos e, conseqüentemente, desvalorizava as semelhanças, as complementaridades e as transições entre o urbano e o rural. Isso trouxe - e ainda traz - algumas dificuldades nas políticas públicas e em algumas compreensões no espaço social que envolve esses ambientes (IBGE, 2017; Silva, 2011).

Essa primeira definição se destaca até os dias atuais, tanto que os dicionários ainda usam nomenclaturas que a recuperam: a definição de urbano traz ideias de relação com a cidade, a civilização, o moderno, e com o que não é do campo. A definição de rural está relacionada ao rústico, agrícola, campesino, tradicional, ao que não é urbano.

Essas são informações básicas e simples. Porém, hoje sabemos que, mais do que delimitações espaciais, o rural e o urbano são classificações que envolvem aspectos sociais e organizacionais, como a atividade econômica, a modificação do meio, e a distribuição da população (RODRIGUES, 2014).

A ideia de que o rural é onde se tem agricultura e o urbano é onde se localiza a indústria é superficial, e, atualmente, é importante considerar também: as relações demográficas e o contato com a natureza. É repensar a ideia de que existe uma forte dicotomia entre esses conceitos, que foi estabelecida, sobretudo, com a urbanização (de 1950 a 1980) e a industrialização: uma disputa entre o anti-urbano e o pró-urbano (IBGE, 2017; RODRIGUES, 2014).

De acordo com os dados da Organização das Nações Unidas (ONU), a população urbana cresceu, mundialmente, de 746 milhões, em 1950, para 3,9 mil milhões em 2014, o que significa que a população urbana aumentou em cinco vezes nos últimos 64 anos (ONU, 2014). No estado de São Paulo, segundo dados do censo de 2010, a população urbana era de 39.585.251 habitantes (95,9 %), enquanto a população rural era de 1.676.948 habitantes (4,06 %) (IBGE, 2010).

A urbanização, esse fenômeno transformador das últimas décadas do século XX, estava associada à industrialização e expansão do capitalismo, de maneira ainda mais concentrada no Sudeste do país (IBGE, 2017; SILVA, 2011). Essa foi uma importante revolução entre a cidade e o campo, e ocasionou mudanças mais significativas do que as que aconteceram nos séculos anteriores (KAYSER, 1972). Além disso, de acordo com Kayser (1972), foi nessa ocasião que o trabalho no campo começou a ser desvalorizado de forma intencional pela exploração capitalista, como manobra de controle e domínio.



A urbanização se caracterizou, também, por investimentos de empresas estrangeiras no Brasil. E a migração da população rural para o ambiente urbano se justificou na expectativa de um emprego em alguma indústria e de uma vida melhor. Dessa forma, as cidades passaram a ser os grandes centros de coleta dos produtos da agricultura e de distribuição de produtos industrializados (MENEZES, 2009; SILVA, 2011), ou seja, ocorreu uma desapropriação do ser humano com seu ambiente original e seu trabalho no campo, deixando o caminho livre para as forças produtivas capitalistas, que, por sua vez, para sustentar as demandas de lucro (cada vez mais altas), começa a mecanizar o sistema de produção (MOREIRA, 1981), gerando desempregos e marginalização daquelas pessoas que foram levadas a acreditar que valeria o esforço de deixar sua pequena propriedade para “subir na vida”, na cidade.

#### **(Des)Conexão do ser humano com a natureza**

Conhecer o histórico da ocupação das cidades é fundamental para compreender o crescimento urbano, os problemas da ocupação desordenada e refletir sobre as possíveis soluções. Um desses grandes problemas são os danos ambientais: as grandes modificações na paisagem e a perda de funções ecológicas do sistema afetam profundamente, não apenas o equilíbrio do meio ambiente, mas também o meio de vida da sociedade (ALMEIDA, 2011, p.94 e 95).

A ideia de que os elementos naturais são recursos a serviço do ser humano mostra um modelo visivelmente insustentável e a responsabilidade do ser humano diante desse cenário é incomparável, já que é o único (de todos os seres que dependem do planeta em equilíbrio) que tem consciência e poder de interferir positiva ou negativamente (SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE DO ESTADO DE SÃO PAULO, 1999).

Outro fator importante a se considerar é que processo de industrialização, que veio acompanhado do movimento de urbanização, gerou um intenso ideal de consumo na sociedade em geral, e, conseqüentemente, elevou a quantidade de resíduos gerados e de malefícios ao meio ambiente (NISHIKAWA, 2012). Além disso, Nishikawa traz a discussão de como o agricultor tradicional é visto como atrasado e ignorante, nas máscaras de um estereótipo inserido proposital e estrategicamente. Esses são dois fatores que potencializam a distância da sociedade com a natureza.

A interferência humana acaba trazendo influências complexas e históricas, pois o que o ser humano faz entre si e com o meio ambiente deixa marcas na natureza e na história e abrange o planeta inteiro (ALMEIDA, 2011). Também por esse motivo, compreender aspectos históricos é fundamental para o entendimento do ser humano, do ambiente e das conseqüências dessas relações.

#### **3 procedimentos metodológicos**

Os participantes ativos dessa pesquisa foram: Z., 65 anos, J., 63 anos, P., 60 anos, E., 55 anos e Pa., 53 anos, somando 5 (cinco) pessoas. Os nomes não foram citados para preservar a identidade das (os) participantes.

Os critérios usados para a escolha dessas pessoas foram dois: o primeiro foi que todas (os) nasceram em uma casa na zona rural, entre as décadas de 1950 e 1960, e passaram sua infância nessa casa, onde a família ainda tem acesso e é a sede de encontros familiares. O outro critério utilizado foi a proximidade da pesquisadora com elas (es) e, conseqüentemente, a intimidade para conversar abertamente sobre a infância, as histórias e a memória.

Um fato importante a ser mencionado é que essas (es) participantes são da geração que acompanhou o processo de urbanização. Seus pais e avós sempre viveram



em ambiente rural (sítios) e foram elas (es), as (os) primeiras (os) da família a migrar para o ambiente urbano.

O sítio que a família morava fica no município de Cajuru, localizado no nordeste do estado de São Paulo, com a maior parte da economia voltada à produção agrícola, principalmente com cultivo de cana-de-açúcar, laranja e café (PREFEITURA DE CAJURU, 2014). A população urbana era, em 2010, de 20.802 habitantes (88,9%) e a população rural 2.576 habitantes (11,01%), que é maior em relação à média do estado (IBGE, 2010).

Entrevista semi-estruturada. Optou-se pelo método de entrevistas semi-estruturadas, que é semelhante a uma conversa informal, de acordo com os princípios citados no trabalho de Boni e Quaresma (2005), que se baseiam na obra “*A miséria do mundo*” de Pierre Bourdieu (1999).

As entrevistas foram realizadas em dezembro de 2018, quando eu fui à casa de cada um (a), e passei, ao menos, um dia com elas (es), expliquei sobre a pesquisa e iniciei a entrevista, que foi registrada com um gravador de voz e, posteriormente, transcrita. Nessas entrevistas, eu levei seis questões pensadas previamente, outras perguntas surgiram no decorrer da conversa, com base no que as (os) participantes falavam.

As questões pensadas previamente foram sobre:

- 1) A trajetória do nascimento até os dias atuais, resumidamente. E uma ênfase para a fase da infância e juventude.
- 2) Uma memória marcante da infância e da vida no sítio.
- 3) Como foi a migração da moradia do sítio para a cidade, os motivos e sentimentos.
- 4) (Para quem voltou a morar em sítio em algum momento da vida) como foi processo de retorno à vida na área rural e os motivos que levaram a isso.
- 5) Como era o tratamento de doenças, ferimentos ou acidentes.
- 6) Os pontos positivos e negativos de morar em sítio e de morar na cidade.

A partir dessas perguntas, as (os) participantes foram instigadas (os) a contarem suas histórias com as seguintes ferramentas: história oral e mapa afetivo.

**História oral.** A escolha por trabalhar com história oral foi feita para dar voz às (aos) participantes da pesquisa, e considerar que a história contada a partir da memória é o que traz a realidade em relação ao que já passou (VETTORASSI, 2014).

A narrativa de histórias recuperadas da memória das (os) participantes é uma forma de repassar o conhecimento histórico da época em que se diz, e é uma ótima maneira de divulgar para as demais gerações, os momentos e acontecimentos simples da vida cotidiana, que tende a se perder (DELGADO, 2003).

Um dos motivos mais importantes de trabalhar com história oral é a oportunidade de ouvir e de se estabelecer uma relação, “*e, como todo trabalho de relação, levanta questões políticas e questões éticas. Isso é fundamental*” (PORTELLI, 2016, p.131). Além disso, a oralidade tem um diferencial em relação aos outros meios de comunicação: a democracia. E buscar histórias orais e inserir em um trabalho acadêmico é uma forma de valorizar vozes que dificilmente chegariam naquele espaço (PORTELLI, 2016).

Trabalhar com a memória dos participantes é uma técnica que, segundo Almeida (2011), valoriza o passado das (os) participantes e influencia essa pessoa a avaliar suas relações socioambientais com o presente e futuro. Porém, lembrar a história através da memória, espaço e tempo é uma tarefa tensa, devido à reafirmação do passado, sem



possibilidade de alteração, com um mergulho no que, um dia, foi (ou não) um futuro almejado (DELGADO, 2003).

*“O lembrar é uma atividade mental que não exercitamos com frequência por que é desgastante ou embaraçosa. Mas é uma atividade salutar. Na rememoração reencontramos a nós mesmos e a nossa identidade, não obstante muitos anos transcorridos, os mil fatos vividos. Encontramos os anos que se perderam no tempo, as brincadeiras de rapaz, os vultos, as vozes, os gestos dos companheiros de escola, os lugares, sobretudo aqueles da infância, os mais distantes do tempo e, no entanto, os mais nítidos na memória” (BOBBIO, 1997).*

**Mapa afetivo.** Para registrar a memória dos participantes em relação ao sítio onde nasceram e cresceram, foram utilizados mapas afetivos: uma ferramenta que expressa lembranças de um local específico, e dá forma à maneira como a memória e as lembranças estão construídas, trazendo informações do inconsciente para um registro no papel (VETTORASSI, 2014).

Nessa pesquisa, foi explicado brevemente o que é um mapa afetivo, e pedido às (aos) participantes que fizessem um desenho do sítio, ou de algum lugar preferido no sítio, ou, ainda, um espaço que representasse uma memória marcante, que elas e eles tivessem afinidade. Para os que não se sentiam à vontade para desenhar, foi pedido que escrevesse ou descrevesse o espaço ou memórias nesse espaço. Foi utilizada a mesma abordagem na aplicação dos mapas para as (os) participantes, pois só assim será possível uma comparação entre esses dados apresentados. Além disso, explicar a finalidade dessa ferramenta às (aos) participantes é fundamental para a identificação deles (CIASCA, 2018).

Os mapas afetivos contribuem para estreitar a relação entre memória e território, e mostrar como esses elementos são essenciais na formação da identidade do indivíduo (CIASCA, 2018).

*“[...] o **desenho** lida com os elementos do espaço e também dos tempos - passado, presente e futuro. Há uma simbiose entre os tempos, entre a observação (presente), a memória (passado) e a imaginação (futuro). No ato de desenhar, estão várias manifestações mentais, como imaginar, lembrar, sonhar, observar, associar, relacionar, simbolizar, representar” (Derdyk, 1989, p.121 apud Moraes Silva et al, 2007, p. 128).*

Essa ferramenta apresenta muitas vantagens por representar um aprofundamento analítico dos espaços (MORAES SILVA e MELO, 2009): segundo Santos (2005) “o desenho proporciona uma viagem no tempo e no espaço, traçando linhas que marcam épocas, momentos, situações, promovendo toda uma manifestação de sentidos que afloram sentimentos, lembranças (...)”, por isso, de acordo com Augusto et al (2016), a afetividade desses mapas pode levar à identificação de fragilidades das (os) participantes, trazer tristezas e impedir lembranças positivas.

**Análise da história oral e dos mapas afetivos.** No método da história oral, a análise se baseou na transcrição das palavras verbalizadas, e, tão importante quanto, no registro dos comportamentos, pausas, tamanho das frases, risadas, lágrimas, rupturas, tom da voz, expressões (WHITAKER et al., 2000). A forma como o (a) narrador (a) conta sua



história traz muitas informações sobre a própria história e a relação dele (a) com essa história.

Nessa pesquisa, a transcrição foi feita na íntegra e seguiu as ideias apresentadas por Whitaker et al (2000, 2002), com respeito ao discurso do (a) narrador (a): a própria pesquisadora transcreveu as falas, recordando os detalhes da conversa com a (o) participante, e escrevendo da mesma forma, informal, que foi falada. Utilizou-se sinalização com reticências para simbolizar pausas e rupturas. A maneira com que as palavras foram ditas (ou não ditas) foi considerada parte da história oral daquele (a) narrador (a).

O mapa afetivo, por sua vez, pode ser considerado um complemento da pesquisa, pois contribui no amadurecimento de algumas informações coletadas, objetivas ou subjetivas, como dados de demografia, históricos e entrevistas (VETTORASSI e DIAS, 2017).

Segundo Augusto et al (2016), adaptado de Bomfim (2010), os mapas afetivos representam uma metáfora que expressa um sentimento ou estado de ânimo da (o) participante, e, para analisá-lo é preciso levar em conta cada detalhe do desenho, pois, de acordo com Moraes Silva et al (2007), ele expressa o que a (o) participante pensa e percebe sobre a família e a sociedade que a (o) cerca. Além disso, *“a análise do instrumento reporta-nos à relação do sujeito com o ambiente, que ocorre de modo cognitivo, afetivo e simbólico”* (Corraliza, 1998 *apud* Augusto et al, 2016).

#### 4 Resultados e discussões

Com as perguntas norteadoras, as (os) participantes relataram suas trajetórias, memórias e seus sentimentos, através da oralidade, com histórias que se intersectam em vários momentos, e com mapas afetivos, que traduziram, na forma de desenho e escrita, a imagem do lugar que passaram a infância.

Na história oral, a partir da transcrição, identificou-se cinco temas semelhantes entre a narração das (os) participante: ensino, alimentação, transporte, transição do rural pro urbano, e transição da cidade pro sítio (dois participantes voltaram a morar em sítio depois de ir pra cidade). Com isso, foram selecionadas algumas histórias com o seguinte critério de escolha: histórias que se destacaram em relação a um dos temas acima mencionados ou em relação aos temas centrais da pesquisa (conexão com a natureza e ambiente rural ou urbano).

Considerou-se uma história em destaque quando: houve entusiasmo da (o) participante ao falar; quando a (o) participante falou repetidas vezes sobre a história; quando foram citados termos como “natural”, “natureza”; ou, ainda, quando diferentes participantes narraram a mesma história, cada um à sua maneira.

Analisando as cinco conversas e os detalhes da oralidade, de forma geral, foi possível perceber um saudosismo das (os) participantes em relação aos momentos que passaram no sítio, em família, com os recursos do próprio lugar.

*“O que dá saudade mémo é das comida que tinha, né? Tudo natural, assim. (...) Colhia lá, tinha nada de veneno, então... é tudo muito diferente hoje, né?” (Z).*

*“O que fica na memória, assim, de uma época assim, que era uma época boa, de muita fartura, de muita... tinha bastante café, teve que fazer mais terreiro, enchia aquilo lá de café, tinha*



*a tulha cheia de café. Paiol cheio de milho, bastante porco na criação de porco e tudo tinha bastante, muita fartura” (J).*

*“Eu lembro, assim, muito nitidamente, da fartura que meu pai, ele ia levar, por exemplo, almoço lá pra quem estava trabalhando, aí ele voltava com pepino, abobrinha, quiabo, melancia. Então, às vezes não cabia nem na mão, ele punha nos bolsos, assim, quiabo, vinha, então eu lembro disso, era muito... diariamente, colhia-se o que comia e é muito prazeroso(...) Então é gostoso lembrar dessa fase da infância e da fartura e da maneira como que era, que era colhia para comer, colhia para comer. Acho que isso é uma das coisas que eu lembro bem forte.” (P).*

Todas (os) participantes citaram o prazer de ter diariamente, na época, uma alimentação saudável, fresquinha e que se conhecia a origem. Essa é uma característica que se manteve, minimamente, nos hábitos delas (es) nos dias de hoje: elas (es) valorizam o “alimento da roça”, produzido no quintal e essa é uma característica que aproxima bastante essas pessoas do contato com a natureza, mesmo os que moram na cidade.

Dos cinco irmãos, o único que deu continuidade aos negócios do sítio e continuou morando ali foi o Pa., o irmão caçula, que passa algumas dificuldades por essa escolha, pois viver da agricultura como pequeno produtor não é uma tarefa fácil nos dias de hoje:

*“A vida lá no sítio é complicada! As coisas da agricultura, da roça praticamente não tem valor, muito pequeno aqui na cidade (...) Era difícil, pra todo mundo, assim, era meio complicado(...) O serviço aqui(na cidade) é assim, por exemplo, o fim da semana você tá com dinheiro no bolso. Lá na roça, é o ano. Você vai investir e tem que se virar. Você só vai ver renda a hora que vender o café. É complicado por causa disso” (Z).*

*“Alimentação praticamente quase tudo tem lá, os principal. Hoje que não tem muito mais, que tem as coisas que o valor comercial não tem condições de você plantar (...)” (Pa).*

Essa é uma das dificuldades que os pequenos produtores começaram a viver na urbanização, quando o ser humano foi afastado do seu ambiente, e encorajado a migrar para os centros urbanos (KAYSER, 1972), com a promessa de que as condições de vida eram melhores na cidade, com empregos e oportunidades (MENEZES, 2009). E, conseqüentemente, desvalorizando o trabalhador do campo, considerando-o atrasado e ignorante por não morar na cidade, ou por não tem uma produção agrícola tecnológica (NISHIKAWA, 2012).

No caso das (os) participantes dessa pesquisa, três dos cinco migraram para a cidade:

*“(...) eu fui pra São Paulo, quando eu fiz 18 anos. (...) eu via algumas pessoas que iam pra São Paulo e se dava muito bem e estudava e ganhava dinheiro, parece que tinha uma vida melhor, né? do que ficar ali na roça, mas é todo uma... pra mim foi uma ilusão(...)” (J).*



Pode-se observar que existia uma expectativa e uma imagem utópica em relação à visão de cidade, da mesma forma que Santana (2009) percebeu nos migrantes da Bahia e Adriaio (2015) encontrou no Ceará.

Poder-se-ia dizer, inclusive, que J., assim como os participantes das pesquisas mencionadas, potencializa (mesmo que de forma inconsciente) a ideia de desvalorização do trabalhador rural, não querendo se incluir nessa ocupação. Esse desejo de J. provavelmente é resultado da influência de características da nossa cultura (FURLANI e BOMFIM, 2010). Na ocasião, a cultura valorizava a vida nos centros urbanos.

Afinal, além da desvalorização do trabalho no campo, outros fatores passaram a ser motivos de dificuldades fora do urbano:

*“Agora o ponto negativo é que ta longe, às vezes, de um recurso quando precisa, no meu caso **era longe da escola, no caso de necessidade de médico, hospital era longe**” (P).*

*“(...) **Aí no terceiro minha mãe falou ‘então você vai fazer na roça também, vamos ficar tudo em casa’, aí fiz lá no sítio e, aí já no quarto ano não tinha mais no sítio e eu tive que voltar pra Cajuru.**” (P)*

*“(...) **Era melhor (a escola da cidade), porque lá na roça era assim: tinha as quatro séries numa sala só, né? Era 1º, 2º, 3º, e 4º. Aí cada fileira ou duas, depende o tanto de aluno, era uma série, aí era um professor pra todo mundo(...)** Um pedaço da lousa era pro 1º ano, 2º, 3º, 4º. Ia passando, ia pondo liçãozinha, vamos falar assim. Ia passando, aquela turminha ficava fazendo, ia pro 2º, ficava fazendo. Ia fazendo tipo um rodízio (...) Um professor só. **Aí depois meu pai achou que tava fraco**” (E).*

*“**Bem, na cidade é mais fácil o acesso a tudo que você quer fazer, né?** (...) **Lá tem mais acesso a... lá é fácil, assim, ‘ah, eu quero ir no supermercado’, com dois minutos você vai e volta. ‘Ah, eu quero ir numa missa’, cinco minutos, você vai a pé (...)**” (E).*

*“(...) **geralmente os camaradas você tem que levar cedo, porque hoje você não consegue, porque camarada não fica mais. Então eu tenho que ir cedo, levar os camaradas pra trabalhar. (...) A gente montou uma casa lá (na cidade) porque eles (os filhos) começaram a estudar e não tinha mais jeito de ônibus, condução pra eles estudar, que nós pensamos em mexer na casa e fazer a casa na cidade, né fia?**” (Pa).*

O movimento da urbanização e industrialização fez com que a demanda por escolas rurais e transporte subsidiado caísse e foi deixando de existir, obrigando cada vez mais famílias migrarem para a cidade. Porém, apesar da locomoção dificultada, a memória ainda traz lembranças positivas das longas caminhadas diárias:

*“**Todos os quatro anos (de escola) foi tudo escola de roça (...)** as escolas nossa era 7 km, uai. Ia a pé. **E era uma delícia**”*



*porque era sempre... tinha macaúva, tinha gabirola, tinha araçá no caminho (...)*” (Z).

*“Ia tudo a pé (...) 6, 7 km. Andava todo dia a pé, pra ir e pra voltar. Quando eu tava no 3º a gente corria um tanto antes de chegar na escola, chegava lá e entrava no poço pra nadar e vestia a roupa e ia pra aula.”* (J.)

Os mapas afetivos das (os) participantes trouxeram pontos bem diferentes entre eles: P.e E. fizeram desenhos coloridos e, visivelmente, se sentiram à vontade para desenhar. J. fez um desenho mais técnico, simulando uma vista aérea do sítio, com a divisão dos espaços. Pa.e Z. não se sentiram à vontade para desenhar, dizendo que não sabiam, ou que não sabiam o que desenhar, por isso, eles escreveram algumas palavras na folha, simbolizando o que eles mais lembravam em relação à época que viveram no sítio. Nesse caso, os mapas foram adaptados ao contexto desses dois participantes, da mesma forma aconteceu no trabalho de Chierrito-Arruda et al (2018).

Analisando brevemente cada mapa afetivo, foi possível observar características pessoais de cada participante:

O mapa afetivo de P. simbolizou bem a dicotomia entre campo e cidade, presente na época, sob uma perspectiva do sentimento de tristeza em deixar a mãe e a família para passar a semana na cidade, para estudar. O sítio é colorido, cheio de vida e amor e a cidade, por sua vez, tem poucas cores, um caminhão que transportava as crianças e deixava “saudades”, palavra associada ao caminho.

O mapa de E. retratou uma infância feliz e talvez um pouco solitária, já que ela é a irmã caçula, viveu apenas a infância no sítio e brincava muito sozinha.

J. fez um mapa afetivo bem semelhante a um mapa geográfico, como uma planta do sítio, com detalhes específicos como o café secando no terreiro, os animais pastando, as verduras na horta, a estrada com a porteira: elementos que não apareceram nos mapas das mulheres.

Pa. escreveu as seguintes palavras: “*Lembrança Saudades Fiico e Aracy*”, que são os pais. O pai faleceu quando ele 20 anos e muitas responsabilidades do sítio ficaram para ele, já que era o único que ainda não tinha se mudado para a cidade. O fato de não ter estudado como as irmãs e os irmãos pode explicar a falta de intimidade com a ideia de fazer um desenho.

Z. também não se sentiu à vontade para desenhar, mas ele descreveu, verbalmente, algumas cenas que veio na memória dele quando eu perguntei de lugares e momentos que mais marcaram a época em que ele morou no sítio. Ele descreveu uma rotina de serviços: ele acordava cedo, ia beber leite no curral, ia pra escola, voltava, almoçava e iniciava as atividades de roça (cascava milho, varria o terreiro), e também brincava nas árvores, e ajudava a mãe: quando ela fazia doce, ele ajudava na colheita e no preparo das frutas, e quando recebia visita e precisava de colchão, ele ajudava a rasgar palha pra encher os colchões. Foi possível perceber que o Z. tem muitas lembranças boas e saudosas e, apesar de não ter desenhado, ele conseguiu expressar, em palavras, o afeto que sente pelo local da infância.

Os mapas afetivos retrataram, cada um a sua maneira, muito bem a relação que cada participante teve e ainda tem com o espaço em questão, de maneira semelhante ao analisado por Chierrito-Arruda et al (2018). As interpretações de cada desenho ou palavra podem ser traduzidas de diversas formas e com diferentes profundidades. Nesse trabalho, os mapas afetivos foram considerados complementos da pesquisa, como



sugerem Vettorassi e Dias (2017), e, por isso, foi escolhido analisar de forma mais geral e superficial.

### 5 Considerações

A urbanização e o contexto que envolveu esse movimento trouxeram várias influências na desconexão do ser humano com a natureza, de uma forma complexa, programada e intensa. A migração em si pode ser considerada como uma das consequências mais visíveis e concretas, já que modificou a relação física de muitas pessoas com o ambiente. Para compreender um pouco mais sobre esse processo, é importante refletir sobre as influências históricas e culturais na sociedade.

Nessa pesquisa, observou-se que as (os) participantes optaram e se inseriram na vida urbana por decorrência da propaganda e incentivos a essa cultura. Isso ocorreu sem senso crítico reflexão por parte das (os) participantes. Por isso é importante que a pessoa seja estimulada a desenvolver um posicionamento crítico, como concluem, também, Furlani e Bomfim (2010) em relação às (aos) jovens que participaram da pesquisa.

Com a industrialização e a urbanização, o consumismo ficou cada vez mais desenfreado e, conseqüentemente, as pessoas começaram a ter uma alimentação mais industrializada, menos saudável e com mais embalagens. Costumes simples na alimentação e na saúde, por exemplo, saíram de cena e foram substituídos por *fast food* e excesso de remédios.

O distanciamento da sociedade com os elementos da natureza está presente em exemplos simples e rotineiros, e essa desconexão, muitas vezes, não é tão evidente. Afinal, por uma questão geracional, muitas pessoas não conhecem algumas práticas que conectava sociedade e natureza e isso vêm se perdendo cada vez mais.

A educação ambiental é uma das formas para despertar o contato e a proximidade da sociedade com os elementos naturais, resgatando práticas, costumes e ações rotineiras que mostram que a sociedade é natureza, também.

### Referências

- ADRIAO, M. A.V. “*Lá onde eu tava num tinha futuro*”: migração sertão – cidade de Sobral 1950 – 1980. Porto Alegre: Aedos, v. 7, n. 17, p. 322-341, Dez. 2015
- ALMEIDA, R.C. *A memória como ferramenta para o diagnóstico de mudança de paisagem*. In: SANTOS, S.A.M.; OLIVEIRA, H.T.; DOMINGUEZ, I.G.P.; KUNIEDA, E. (Orgs.) *Metodologias e temas socioambientais na formação de educadoras(es) ambientais (2007-2008)*. São Carlos: Gráfica e Editora Futura, p. 92 – 99. 2011.
- AUGUSTO, D.M.; FEITOSA, M.Z.S.; BOMFIM, Z.A.C.. *A utilização dos mapas afetivos como possibilidade de leitura do território no CRAS*. Estudos Interdisciplinares em Psicologia, Londrina, v. 7, n. 1, p. 145-158, jun. 2016
- BONI, V.; QUARESMA, S.J.. *Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais*. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, jan. 2005. ISSN 1806-5023. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>>. Acesso em: 06 maio 2019. doi:<https://doi.org/10.5007/%x>.
- BOBBIO, N.. *O Tempo da memória*. Rio de Janeiro: Campus, 1997.



BRITO, F. *O deslocamento da população brasileira para as metrópoles*. Estud. av., São Paulo, v. 20, n. 57, p. 221-236, Aug. 2006. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142006000200017&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142006000200017&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 15 Dec. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40142006000200017>.

CAJURU, Prefeitura Municipal de. Dados do Município. Disponível em <http://cajuru.sp.gov.br/o-municipio/>. Acesso em 15 Dec. 2018.

Centro Regional de Informação das Nações Unidas. Relatório da ONU mostra população mundial cada vez mais urbanizada, mais de metade vive em zonas urbanizadas ao que se podem juntar 2,5 mil milhões em 2050. Disponível em: <<https://www.unric.org/pt/actualidade/31537-relatorio-da-onu-mostra-populacao-mundial-cada-vez-mais-urbanizada-mais-de-metade-vive-em-zonas-urbanizadas-ao-que-se-podem-juntar-25-mil-milhoes-em-2050>>. Acesso em 14 dez. 2018.

CHIERRITO-ARRUDA, E.; YAEGASHI, S.F.R.; PACCOLA, E.A.S.; GROSSI-MILANI, R.. *Percepção ambiental e afetividade: vivências em uma horta comunitária*. Ambiente & Sociedade, São Paulo, v. 21, e01232, 2018. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-753X2018000100407&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-753X2018000100407&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 04 maio 2019. Epub 29-Nov-2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1809-4422asoc0123r2vu1813td>.

CIASCA, K.N.M. *Memória, identidade e território: mapas afetivos como indicadores de hábitos culturais*. Revista do Centro de Pesquisa e Formação, São Paulo, n. 6, 2018.

DELGADO, L.A.N. *História oral e narrativa: tempo, memória e identidades*. História Oral, n.6, 2003, p. 9-25

FURLANI, D.D.; BOMFIM, Z.A.C. *Juventude e Afetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas*. Psicologia & Sociedade, vol. 22, n.1, p. 50-59, 2010.

IBGE. Censo Demográfico 2010. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/cajuru/panorama/>>. Acesso em: 14 dez. 2018.

IBGE. *Classificação e caracterização dos espaços rurais e urbanos do Brasil: uma primeira aproximação* / IBGE, Coordenação de Geografia. – Rio de Janeiro: IBGE, 2017.

KAYSER, B. *El espacio rural y el nuevo sistema de relaciones ciudad-campo*. Revista de Geografía, Barcelona: Universitat de Barcelona, Departamento de Geografia, v. 6, n. 2, p. 209-216, jul./dez. 1972. Disponível em: <<http://www.raco.cat/index.php/RevistaGeografia/article/view/45864>>. Acesso em: 15 dez. 2018.

MENEZES, I. G. *Enxada versus caneta: educação como prerrogativa do urbano no imaginário de jovens rurais*. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP, v. 3, n. 1, p. 24-38. 2009. Disponível em <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acesso em: 14 dez. 2018.



- MORAES SILVA, M.A.; MELO, B.M.; APPOLINÁRIO, A.P.. *A família tal como ela é nos desenhos de crianças*. Revista Ruris: Revista do Centro de Estudos Rurais, Campinas, v. 1, n. 1, p. 105-156, 2007.
- MORAES SILVA, M.A., MELO, B.M.. *Desenhos e mapas: Uma contribuição aos estudos migratórios*. Espaço Plural, n.20, p. 41-51, 2009.
- MOREIRA, Ruy. *O que é geografia?* São Paulo: Brasiliense, Coleção Primeiros Passos. 1981.
- NISHIKAWA, D.L.L. *Alternativas ao modelo hegemônico da agricultura: o caso da associação de produtores rurais dos Garcias no município de Bom Repouso (MG)*. 2012. 224f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2012.
- PORTELLI, A. *História Oral e Poder*. I: In: SANTANA, C., FERREIRA, D.L., SILVEIRA, E.M (Orgs). Espaço, Cultura e Memória: integrando visões da cidade. Fortaleza: EdUECE, p. 130-147. 2016
- RODRIGUES, João F.. *O rural e o urbano no Brasil: uma proposta de metodologia de classificação dos municípios*. Anál. Social, Lisboa, n. 211, p. 430-456, jun. 2014 . Disponível em <[http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0003-25732014000200008&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732014000200008&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 14 dez. 2018.
- SANTOS, B.. *A poética do desenho – O fio como matéria*. Cultura Visual Revista de Mestrado em -Artes Visuais da Escola de Belas Artes. Salvador: EDUFBA, 2005. v.1 n.7. p.23-29, 2005.
- SILVA, J. B. *Discutindo o Rural e o Urbano*. Revista da ANPEGE, v. 7, nº8, p. 3-11, Ago./Dez. 2011.
- São Paulo (Estado). Secretaria do Meio Ambiente. *Definição e Importância da Educação Ambiental*. In: Conceitos para se fazer educação ambiental Coordenadoria de Educação Ambiental. Série educação ambiental. 3ª ed. São Paulo: A Secretaria, 1999.
- SANTANA, C. D’A.. *Cidades Pretendidas*. In: *Linguagens Urbanas, memórias da cidade: vivências e imagens da Salvador de migrantes*. São Paulo: Annablume, 2009, p. 185-194.
- VETTORASSI, A. *Mapas afetivos: recursos metodológicos baseados na história oral e reflexões sobre identidades espaciais e temporais em estudo sociológico*. In: História e Cultura, Franca, v. 3, n. 3, p. 155-176, 2014.
- VETTORASSI, A.; DIAS G.. *Estudos migratórios e os desafios da pesquisa de campo*. Soc. e Cult., Goiânia, v. 20, n. 2, p. 7-28, jul./dez. 2017
- WHITAKER, D.C.A.. VELOSO, M.G (Org.) *As análises de Entrevistas em Pesquisas com História de vida: questões metodológicas*. In Oralidades e Subjetividades os meandros infinitos da memória. Campina Grande: Eduerp, 2000.
- WHITAKER, D.C.A. DANTAS, A.; ANDRADE, E.A.; FIAMENGUE, E.C.; ARAÚJO, R.A.; MACHADO, V.. *A transcrição da fala do homem rural: fidelidade ou*



**X EPEA  
VII ESEA**

**Encontro Pesquisa em Educação Ambiental  
Encontro Sergipano de Educação Ambiental**

*caricatura?* In: WHITAKER, D.C.A (Org.) Sociologia rural: questões metodológicas emergentes. São Paulo: Letras a Margem, 2002. p. 115-120.